

TRABALHANDO A QUESTÃO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA

Autor (1) MAFRA, R.C.B; Coautor (1) ULSENHEIMER, W.F.; Coautor (2) DUTRA, I.A.

*Regina Claudia Bentes Mafra (1) Escola Estadual de Ensino Médio Aluísio Loch (EEAL) – Pacajá/PA.
bentes.mafra@gmail.com (1)*

*Wony Fruhauf Ulsenheimer (1) Escola Municipal José Cardoso de Lima (EMJCL) – Luís Magalhães/Ba
wony.fru@hotmail.com (1)*

Izadora Alves Dutra (2) Colégio dos Sagrados Corações (CSC) - izadoradutra6@gmail.com

1-INTRODUÇÃO

O Brasil em sua conjuntura social, vivencia variadas transformações as quais não devem ser ignoradas por nenhuma instituição democrática. Atualmente, cresce no país a percepção da importância da educação como ferramenta imprescindível capaz de enfrentar situações de preconceitos e discriminação, garantindo oportunidades efetivas da participação de todos nos diferentes espaços sociais. Cada vez mais a homofobia é percebida como um grave problema social, e a escola passa a ser considerada um espaço de decisões que contribuem na construção de uma conscientização crítica para o desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos.

Há muitos estudos sobre a exclusão de mulheres, porém poucos estudos educacionais acerca do tema da diversidade sexual. Essa ausência na educação, provavelmente, tem como causa a predominância de proposições essencialistas e excludentes nos conceitos utilizados para pensar identidades sexuais e de gênero. Dizer, pensar e defender a educação para todos e toda implica em assumir o posicionamento político de primeiro reconhecer a desigualdade das relações historicamente construídas entre os gêneros e entre a diversidade dos sujeitos históricos. Reconhecer as desigualdades para, a partir desse reconhecimento, assumir políticas que contribuam para a transformação dessas relações desiguais rumo a uma perspectiva de equidade de condições sociais e econômicas tanto pensando as relações de classe como as de gênero, etnias, culturas e identidades. Inspirada na frase de Boaventura Souza Santos que afirma “o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”. (SANTOS 2001).

Neste sentido o Projeto “Trabalhando a Questão da Diversidade de Gênero na Escola surge a partir da necessidade observada no dia a dia da Escola Estadual de Ensino Médio Aluísio Loch, localizada na Rodovia Transamazônica BR 230, município de Pacajá/PA, onde foi possível perceber que direção, coordenação e professores, apesar de acreditarem que a escola deve realizar atividades envolvendo temas como gênero, sexualidade e diversidade cultural, essa prática ainda é limitada pois encontramos lacunas nos profissionais da escola para lidar com tais assuntos. O objetivo desta proposta é refletir e promover a aprendizagem a respeito das diferenças diante da sexualidade onde a pesquisa de sua própria prática mediada pela reflexividade teórica seja um elemento decisivo para o estabelecimento de novas referências pedagógicas e, portanto, práticas inovadoras que alcancem o almejado sentido intrínseco do cuidar e educar para a diversidade.

Algumas formas de resistência apontadas nesta proposta de trabalho são: incluir os estudos de gênero nos cursos de formação continuada docente, a análise crítica de representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e a experimentação de novas formas de linguagem que possam desconstruir estruturas identitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual, produzidas pelo discurso educacional. O presente trabalho busca refletir sobre a presença/ausência das discussões sobre sexualidade, identidade sexual e corpo na formação docente, sobretudo, nessa época complexa e contraditória chamada de contemporaneidade ou pós-modernidade.

Os artefatos culturais trazidos neste projeto salientam em suas concepções pedagógicas, implicações das neurociências que demonstram e evidenciam as diferenças entre os gêneros relacionadas às questões cerebrais, genéticas e de evolução, ressaltando a importância de se promover ações que forneçam aos profissionais da educação diretrizes baseadas nos conceitos da neurociência, orientações pedagógicas que consolidem uma cultura de respeito à diversidade, de orientação sexual e de identidade de gênero.

2- METODOLOGIA

Todos estes espaços contribuem para o processo constitutivo da identidade docente e seus reflexos no cotidiano institucional trata-se, portanto, de um refazer-se o cotidiano, que deve ser provocado no sentido de reconstruir a si mesmo e à sua prática refletir sobre os preconceitos sexuais no ambiente escolar e as questões de gênero e o questionamento sobre o papel da neurociência e da pedagogia frente a diversidade sexual nas escolas. A efetividade desse tipo de trabalho depende de estar apoiada em vários pressupostos pois viu-se que, no momento em que se tenta dar início a uma prática, vários fatores dificultadores entram em jogo e a maioria, ao que parece é de caráter emocional. O primeiro deles é que o professor seja considerado construtor, sujeito de sua própria maneira de ser e agir profissional; a sua experiência e a sua realidade de vida e de trabalho são vistas como elementos significativos no processo e o segundo é que, é preciso considerar a escola como objeto de reflexão e como local de ação, ou seja, é preciso conceber o professor como profissional que pensa, reflete e que também toma decisões, experimenta, atua e avalia produzindo saberes em sua prática profissional e, não simplesmente um técnico e um transmissor (ALARCÃO,1998). Para que os objetivos propostos sejam atingidos neste trabalho, foram desenvolvidas várias etapas e, em cada etapa, houve maneiras diversificadas de se trabalhar os conteúdos elencados, levantada uma pesquisa bibliográfica de fontes, por meio de livros, jornais, monografias sobre a temática abordada em questão, bem como materiais disponibilizados pela internet. Além destas fontes, informações sobre o tema que será desenvolvido são utilizadas também as coletas a partir de observações e conversas informais com os sujeitos desta proposta.

Quanto à natureza ela será básica porque visa gerar novos conhecimentos, mas sem a aplicação imediata de qualquer natureza, mas com a intenção de aumentar a compreensão minuciosa das motivações, atitudes, valores e crenças dos sujeitos pesquisados.

Quanto aos objetivos ela será exploratória. Segundo Gil (2008) a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema “questões de gênero”. Podendo envolver levantamento bibliográfico e entrevista com pessoas experientes no assunto.

Quanto a abordagem ela será qualitativa, já que tem um caráter exploratório e estimulará o entrevistado a pensar e a expressar livremente sobre o assunto em questão. Os dados serão retratados por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões dos entrevistados.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto visa atingir aproximadamente 80% dos envolvidos uma vez que alguns membros ainda se mostraram bastante resistentes ao assunto, porém a experiência proporcionou aos professores, direção e coordenação aprendizagens em diversos campos e áreas, mas, destacam-se as aprendizagens inter-relacionais, que remetem a quebra de tabus para conversar sobre sexualidade, a diminuição dos preconceitos e receios ao se falar e manifestar a sexualidade, assim como sobre os comportamentos de risco em relação à ela. O principal indicador de sucesso do projeto, será a mudança de atitude de todos os segmentos da comunidade escolar. E nesse sentido surgiu a necessidade de observar a prática diária das atividades dos docentes para avaliarmos o que ficou de significativo e como essa prática está de certa forma arraigada com pré-conceitos e tabus; essa mudança com certeza virá a passos lentos, mas, ao longo do processo estaremos reforçando e acompanhando essa mudança com novas práticas.

A princípio faremos reunião, coordenação e professores para discutir, com base em índices e notícias, as desigualdades e diversidades de gêneros presentes na sociedade – diferenças salariais e agressões contra homossexuais onde estaremos usando questionários que serão analisados; a partir de então formaremos equipes para que possamos refletir sobre as relações de gêneros e a necessidade de se construir um novo olhar sobre a identidade de homens e mulheres.

Partindo do resultado das oficinas e palestras junto com os professores pensarmos em práticas não sexistas e introduzir no cotidiano escolar o tema para que possam ser estimulados a discutir o assunto sempre que apareça uma situação em sala de aula que possa propiciar intervenções quando oportuno.

4- CONCLUSÕES

Cabe a nós, profissionais da educação a tarefa de ultrapassar nosso papel de “meros” transmissores de informação, ampliar nossa definição de pedagogia e currículo, não se limitando simplesmente ao domínio de técnicas e metodologias, desenvolver e investir em práticas pedagógicas para trabalhar com a promoção da diversidade e valorizá-la como vantagem, e não como problema, como nossa cultura costuma encará-la, estar especialmente atentos aos grupos ou situações em que a diferença se torna motivo de desigualdade, acesso desigual a oportunidades e exclusão. Devemos ver na diversidade um recurso social e pedagógico com alta potencialidade transformadora e libertadora. Sensibilizar os educadores e educadoras sobre a importância das discussões acerca das diversas formas de expressão da sexualidade constitui um importante mecanismo de fortalecimento da educação, tanto no âmbito da formação pessoal, como também social. Desmistificar as ideias acerca da homossexualidade, identidade de gênero, orientação sexual e homofobia contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária e tolerante às diferenças.

Por entender que a realização da propalada bandeira da educação para todos requer a reflexão e o enfrentamento da discriminação que envolve as relações de gênero e a diversidade sexual no espaço escolar. E quando falamos em nossos sujeitos da diversidade, vale lembrar que não é de minorias que estamos falando. O grande desafio é incluir apenas uma letra nessa perspectiva, a letra “A” ou a letra “O”, que nesse caso representa a inclusão de metade da população em idade escolar, a população feminina seja por genética ou escolha. E por mais positivas que pareçam as impressões deixadas pelo projeto não se pode comparar as leituras e análises de vários autores que subsidiaram a compreensão de conceitos e as dinâmicas do funcionamento com as experiências e os confrontos envolvidos diariamente no espaço escolar.

5- REFERÊNCIAS

ALARCAO, I. **Formação continuada como instrumento de profissionalização docente.** In: VEIGA, I. P.A Caminhos da profissionalização do magistério. Campinas: Papyrus, 1998, p.99-122.

ARAUJO, U.F. **A construção de escolas democráticas.** São Paulo: Moderna, 2002.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1989.

PUIG,J.M. **Práticas Morais – uma sociocultural da educação moral.** São Paulo:Moderna,2004.

ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1996.

ALVES, C. P.; SASS, O. (Orgs). **Formação de professores e Campos do conhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais.** São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SANTOS, Boaventura Souza. **Para uma concepção multicultural de direitos humanos.** In: Revista Contexto Internacional. Rio de Janeiro, vol.23, nº 1, janeiro/junho de 2001.p 7-34.